

# Aruanda - Um Livro e seu Leitor <sup>1</sup>

Antônio Houaiss <sup>2</sup>

Estamos, ao que parece, longe ainda de uma possível síntese compreensiva do que seja o móvel e o objeto da literatura. Se a crítica dita literária malogra, não raro, quando toma a obra literária como uma construção de substâncias, não menor é o seu malogro se se atém a ver nela um jogo de formas. E o que se pode, no respeito, dizer de uma obra literária, poder-se-á, talvez, de uma obra de arte qualquer que seja a sua linguagem, o seu veículo.

O que, porém, parece servir de ponto pacífico para uma futura junção de vistas é o fato de que salvo as geniais exceções de todas as épocas (exceções, no geral, que o deixam de ser, na medida em que se penetra a biografia - oh! a odiada biografia!) - o saber de primeira mão tem prioridade sobre o saber de segunda mão, esse que haurimos numa vertiginosa síntese mental, através dos livros, sem a aferição da prática do cotidiano, que é aquele.

Que se me perdoe essa tirada impressionista, como preâmbulo de umas impressões de um livro recém-aparecido. *Aruanda*, modestamente subtítuloado "crônicas", por sua autora, a Excelentíssima e Admirabilíssima Dona Eneida de Moraes, se o quiserdes, como o querereis, por certo. Eneida pura (mas realmente, pura) e simplesmente (mas realmente simplesmente), que a Livraria José Olympio Editora lança, adequadíssimamente neste Natal de 1957.

Longe de mim, depois daquele intróito, daquele solene esórdio, querer, associando o segundo membro de minhas tiradas, concluir que Eneida é parca de leituras. Muito antes pelo contrário - e o seu depoimento merece absoluta fé - foi ela, pela vida afora, e vem sendo e o continuará por muito e muitos anos, devoradora de livros, mas devoração mental, que tem muito de adoração. Toda a vida que viu através do topo dos olhos da mente por via dos olhos da cara sobre as folhas manchadas dos livros, toda essa vida dos outros vivida na sua vida não impediu que esta fosse mais vida do que as outras. Daí a força de autenticidade que dímana, com o ímpeto de seus escritos, escritos em que os escritores de gabinete poderão ver ou deficiências ou maneirismos, ou mesmo ausências de ousadias. Entretanto, o que se tem pela

frente é a escritora madura, talvez mesmo tardiamente (perdoar-me-á, minha cara Eneida?) madura, mas o fato é que magnificamente madura, sábia, esperta, lúcida, ágil, porque simples, natural, acabada, sábia de outra sabedoria, concisa, latente, patente e o que mais se quiser. A que, fazendo pieguice aparente com sua vida meninesca, encerra ainda assim o antipieguismo substancial; a que, tributando ódios aparentes, soube, sabe e saberá amar - em todos os sentidos - como ninguém, a que tem feito de sua vida um exemplário de beleza.

Lástima que eu tenha enveredado por um caminho em que não saberei prosseguir. Porque, de fato, o lado biográfico de Eneida eu o conheço como se conhece uma lenda viva, o mito que está em formação, já que poucas vezes tenho podido com Eneida privar, ainda que, nas poucas, privança de sustança, tenha sempre saído edificado e maravilhado. É que essa escritora de carne e osso, de fibras várias e de coragens intensas, de fraquezas grandes e de audácias infinitas, de feminilidade eterna e, compensatoriamente, de uma aparente virilidade que caberia bem a todas as mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, é que essa mulher, capaz de pequeninos feitos grandes e de grandes feitos pequeninos, cheia de coerência e de terríveis contradições, atuante e remembrante, lutadora e pacificadora (sobretudo pacificadora, pacífica, pacifista), é que essa escritora é essencialmente humana. A sabedoria que pode tirar dos livros serviu, exemplarmente, para dar sabedoria à sua arte de fazer viva a sua vida morta, dando maior vida à sua vida viva, que as insônias (Eneida não as deveria ter, logicamente, isto é, formalmente, mas as tem dialeticamente) multiplicam, permitindo-nos reviver, num quadro de quadrinhos - mas que não os quadrinhos da moda infantil - a bela vida que pode oferecer aos seus semelhantes. Imagino quanto bem *Aruanda* pode levar sem falsos, amores, sem falsos, pífidos, "literários" arroubos, sem falsos, torpes mentirosos depoimentos, já que em *Aruanda*, se há transposição, há pura vitalização.

Mas o que eu queria dizer é que quase não conheço a Eneida biografável. Tenho ante mim é a Eneida *Aruanda*, essa que num desprezioso subtítulo

- "crônicas" - nos pode dar um memorial de saudade e de presença, de luta e de renúncias, de carências e excessos. Essa cuja vida progressa, infantil, meninil, podendo ter sido germe da tristezas, amarguras e desfalecimentos presentes, soube fazer do passado um estímulo para o futuro.

A coisa acabada que é *Aruanda* - quase, por associação, "coisa feita" - parece-me decorrer de angular unidade. Se a crônica é efêmera provisoriamente, podendo, depois, eternizar-se, consoante sejam os elementos de eventual historicidade que se encerre no seu bojo, a crônica, via de regra, querer-se-ia antipersonalista, crônica dos outros, dos acontecimentos, da vida vivida, do tempo que flui. Ao que, porém, assistimos entre nós, é a crônica personalíssima, em que a cólica renal da antevéspera, o arrepio ante uma rajada imprevista de vento (bem vinda, aliás, nestes calores) pode servir para encher algumas colunas de um quarto de página de jornal - mas respeitemos o fenômeno, pois que acompanhado de um número que o justifica plenamente, de leitores. Essa necessidade do objetivo, do concreto, do efetivo, do real (mesmo quando imaginário ou fantástico), essa necessidade do heróico cotidiano atravessou também a maneira, a vivência cronística de Eneida, não apenas em o *Cão da Madrugada*, mas também neste *Aruanda*. O que, porém, marca esse livro é que há, por trás dele, melhor, dentro dele, no sangue dele, uma substância vital tão intensa, tão autêntica, que a autora (ainda que não o quisesse, embora obviamente o tenha querido) lhe imprimiu uma - repitamos - notável unidade. Não é a unidade locativa - esse Belém do Pará que retorna em tantas páginas até o "Delírio número um" - mas, por causa de realidade desse locativo na sensibilidade de Eneida, a unidade de vida de aspirações de anotações, de observações, de assimilações, de aquisições, de convicções e de críticas. Essa unidade é realmente maciça e tão forte que imprimiu no resto do livro aquele mesmo tom inteiriço, remembruvo, revivedor, presentificador, mesmo perto da Sorbona, mesmo no morro do Leme, mesmo com Clocló, com José e com o "amigo maior" - que todos sabemos quem seja e que, se o admirava muito, admiro mais por merecer tanto, por saber ser assim tão amigo. Eneida, assim, pegando de um vazo de tempo, o personalíssimo, graças à substância vital de que é senhora, consegue imprimir ao lirismo de suas páginas aruandeiras um peso ponderável exemplar de humanidade, que a distância do pieguismo ainda quando insistia muitas vezes em tangenciá-lo, para mostrar que o belo está pertíssimo do feio, que o bom lida com o mau, que a arte lida

(agora "lida") com a vida, e que essa encerra tudo forte e profusamente.

A unidade temática conseguida graças ao caráter memorialístico autêntico impregna, também a unidade estilística, e *pour cause*. Mas numa vida tão vária quanto é a da autora, vário tinha de ser o temático-estilístico. Provam-no "crônicas" soberbas por seu tom contrastante mas realizado integralmente; gostaria, no respeito, que o meu eventual leitor se dispusesse a ler, um após outro, a mero título de cotejo exemplificador, a tensão pujante que desponta, arrebenta de "Companheiras" e de "Pé de Cachimbo" aliás, acidente ou, como melhor creio, confirmando a certeza de que a "unidade" do livro foi planejada até nesses particulares; a aproximação dessas duas "crônicas" foi deliberada, pois que estampadas uma após a outra, embora na ordem inversa, em última análise, Eneida é hoje mais meiga, compreensivamente, do que o teria sido no passado, como lutadora, que continua.

É o livro sem fel, sem perversidade sem maldade. Mas, diabo que tem a ver isso com o que antecede? É que, nessas memórias, há crítica, condição para a construção. Enquanto, porém, a lição de amor é concreta e objetiva, é persuasiva e eficaz, a lição crítica é por exclusão. Podendo dizer mal de tanta gente (que bem o mereceria, talvez), nas linhas de Eneida não há senão esperança, talvez uma exagerada compreensão para com os defeitos e falhas desses bichos da terra tão pequenos, nós, os homens, isto é, homens e mulheres - exclusive, está claro, as crianças (sobretudo quando não gostam de vestidos brancos ou azuis claros) os gatos, os cães, os bichos e as árvores. E o interessante é que enquanto os Catões de última hora cheios de podridão pessoal se arvoram, hipocritamente, mas sabuja e covardemente, no anonimato das instituições, em censores e moralistas, mas com censura e moralidade facilmente venalizável, Eneida, que poderia quase atirar a primeira pedra, nem sequer cogita de saber se elas existem.

Encontendar ao meu eventual leitor a oportunidade, a conveniência, a alegria de ler *Aruanda* é o mínimo que posso fazer - se lhe mereço algum crédito. Eu que, afinal de contas, ainda que integrante de serviço de adjetivação, procuro dar aos meus adjetivos o peso de minha sinceridade sincera.

Não seria justo omitir um voto de louvor à bela, limpa, isenta e sugestiva capa de Antônio Bandeira.

1. Crítica publicada no Diário Carioca, p. 3, 1957

2. Antonio Houaiss, filólogo, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras